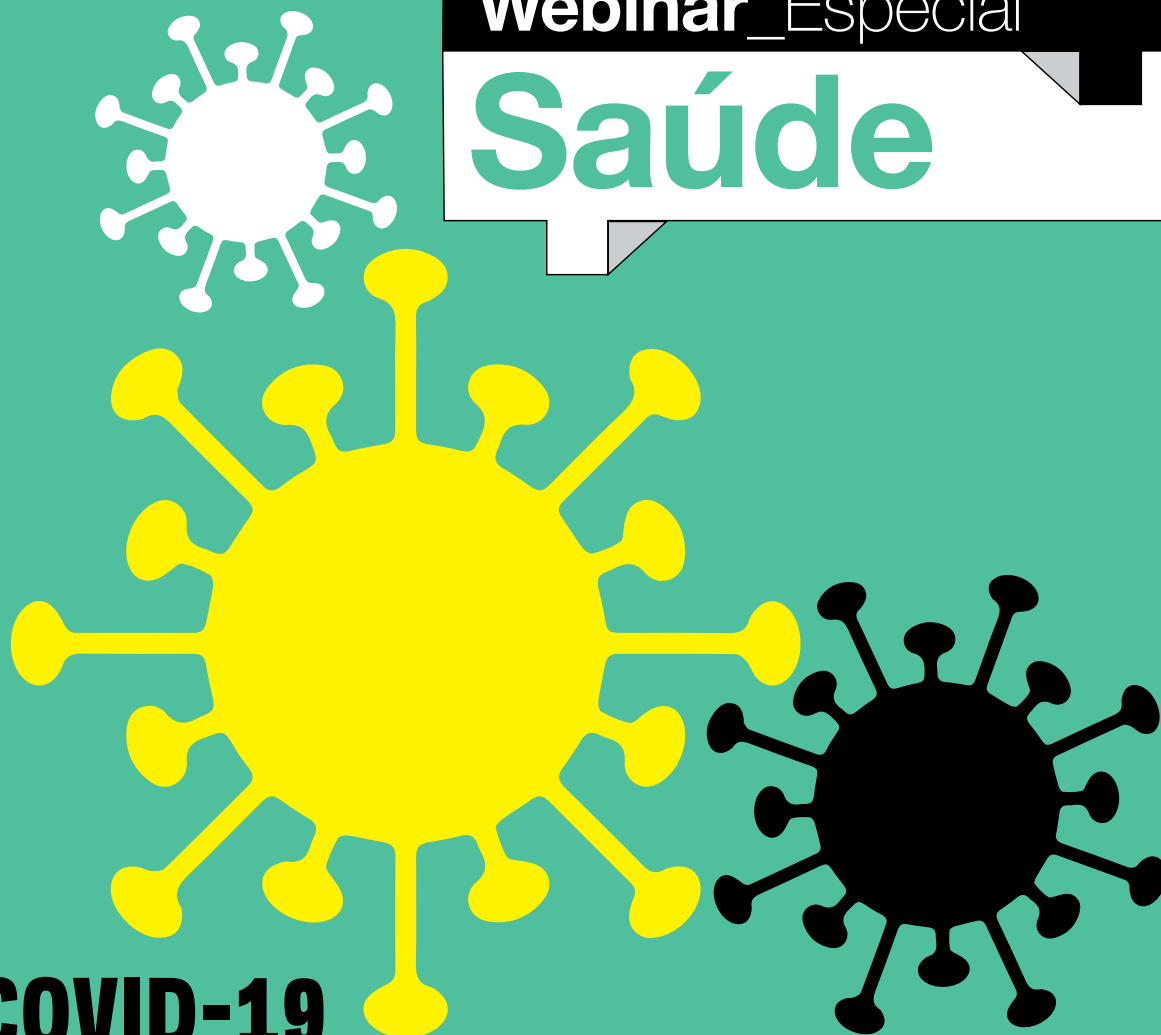


Diálogos Capitais
Webinar_Especial

Saúde



COVID-19

AS LIÇÕES DA TRAGÉDIA

**ESPECIALISTAS APONTAM OS ERROS E (POUCOS)
ACERTOS NO COMBATE AO CORONAVÍRUS,
APRESENTAM PROPOSTAS PARA O ENFRENTAMENTO
DA VARIANTE DELTA E DISCUTEM O PAPEL
DO BRASIL NO MUNDO PÓS-PANDEMIA**

POR FABIÓLA MENDONÇA

PATROCÍNIO



APOIO



O VÍRUS IGNORA AS FRONTEIRAS

COVID-19 Sem uma política de saúde em escala planetária, é impossível deter o avanço de novas cepas, como a Delta

Um ano e meio de pandemia do Coronavírus, quase 600 mil mortos e 21 milhões de infectados. Esse é o saldo de um Brasil desgovernado, cujo presidente negou a gravidade da doença desde o primeiro momento. As vacinas atrasaram por meses por conta do negacionismo de Jair Bolsonaro e pelo fraudulento processo de compra dos imunizantes, exposto na CPI da Covid. Não fosse a omissão do Poder Público, grande parte das mortes teria sido evitada e todos os brasileiros poderiam estar vacinados. Hoje, o Brasil tem cerca de 30% da sua população totalmente imunizada e em torno de 60% que recebeu apenas a primeira dose, um percentual muito aquém do desejável para se alcançar a chamada imunidade de rebanho, o equivalente a 80% da população com as duas doses aplicadas.

A pandemia escancarou, ainda, um mal secular no Brasil: a desigualdade social. A maioria das vítimas da doença tem origem na classe trabalhadora, que nem sempre pôde fazer o isolamento social desejável e foi obrigada a trabalhar e a se arriscar no transporte público. O diagnóstico foi confirmado em um ciclo de debates promovido por

CartaCapital em agosto, com transmissão ao vivo pela página da revista no YouTube. Com patrocínio da ACT Promoção da Saúde e apoio da Associação Nacional de Pós-Graduandos (ANPG) e do Conselho Federal de Enfermagem (Cofen), a série “Diálogos Capitais: Webinar

“A Delta saiu da Índia e chegou em 80 países em três semanas”, observa Saldiva

Saúde” foi mediada pela editora-executiva do site de *CartaCapital*, Thais Reis Oliveira, que conversou com 15

especialistas em cinco seminários semanais sobre temas ligados ao Coronavírus e os impactos da doença no Brasil e na vida dos brasileiros.

“Ter ou não ter a doença, morrer ou não em decorrência, tudo isso tem relação com o contexto social. Morreram, sobretudo, as pessoas que não podiam fazer isolamento social. Elas se contaminavam pelas condições de moradia, pelos cuidados intradomiciliares ou pelo transporte público”, lamenta Paulo Saldiva, professor do Departamento de Patologia da Faculdade de Medicina da USP. Logo no início da pandemia, Saldiva coordenou uma pesquisa com vítimas da Covid-19, cujo objetivo era entender o agente causador das mortes. Ao buscar autorização dos familiares para fazer a necropsia, o pesquisador constatou o grau de dificuldade econômica dessas pessoas. “A pandemia reproduziu de forma sistêmica a desigualdade.”

Para Alexandre Marinho, doutor em Economia pela FGV e técnico de Planejamento em Pesquisa do Ipea, a desigualdade aprofundou-se com a debilidade do Estado brasileiro em dar respostas à pandemia.

Ele ressalta que, do ponto de vista sanitário, o Brasil divide-se em dois e, ainda que o País tivesse estrutura para garantir assistência a toda a população, as condições prévias de vida das pessoas mais carentes teriam influenciado no resultado. “Os mais pobres, mais desassistidos, têm um histórico de saúde pior, o que leva a crer que teriam um desfecho também pior em relação à Covid.”

O vice-presidente da Associação Brasileira de Saúde Coletiva do Núcleo de Biomédica Aplicada da UFRJ, Reinaldo Guimarães, acrescentou mais um dado que potencializa a dificuldade dos mais pobres em resistirem ao Coronavírus: o elemento político-conjuntural e a desestruturação do SUS. “O governo federal aliou-se ao vírus”, destacou, reconhecendo, no entanto, que a pandemia lançou luz sobre o Sistema Único de Saúde, levando a população a enxergar o SUS de forma positiva.

“Se não tivesse o SUS, o caos estaria instalado”, acrescentou Paulo Saldiva. O modelo de universalização de acesso à saúde proporcionado pelo SUS é apontado como um elemento civilizatório por Alexandre Marinho. “Saúde anda juntamente com democracia. Sem o SUS, não sei se o Brasil seria uma sociedade civilizada”, ressalta, chamando atenção para o risco de o setor privado querer lucrar com o sistema a partir de parcerias público-privadas.

Mesmo passados quase dois anos de disseminação da Covid-19 em escala global, muitos questionamentos continuam sem resposta, ainda que a ciência tenha avançado a passos largos em relação à doença. Mas de uma coisa os estudiosos não têm dúvida: os efeitos da pandemia vão perdurar por longos anos. E, principalmente, se não houver mudanças

na reprodução das relações sociais e no trato com o meio ambiente. Reinaldo Guimarães deu o exemplo do surto da febre amarela em áreas urbanas, em 2018, uma doença característica de regiões silvestres que migrou para a cidade, devido a problemas ambientais. Situações semelhantes podem ocorrer em relação ao Coronavírus, sobretudo se considerarmos as mutações do agente viral.

Outro motivo citado pelo pesquisador que pode retardar o combate à Covid-19 é a ganância das grandes corporações em lucrar cada vez mais. Ele cita as indústrias biofarmacêuticas e de tecnologia da informação como os dois setores com mais dividendos no período da pandemia.

Saldiva reforça a observação e lembra que a única maneira eficaz de enfrentar a doença é a partir de uma política de saúde em escala planetária e da empatia entre as nações. “É preciso uma visão coletiva e gerência global, além de generosidade. Temos de ser generosos não

por altruísmo, mas por egoísmo próprio”, comenta.

O pesquisador refere-se à falta

Apenas 30% dos brasileiros estão completamente imunizados, com as duas doses

de equidade em relação à vacinação, e diz que não adianta um país vacinar toda a sua população se a pandemia continuar em regiões com dificuldades em adquirir o imunizante. Em alguns países da Europa e nos EUA, por exemplo, sobram vacinas, enquanto em nações da África e da América do Sul a escassez é uma realidade. “A Delta saiu

da Índia e chegou em 80 países em três semanas. Não há como escapar de uma política global de saúde.”

Sanitarista e professor emérito da Fundação Oswaldo Cruz, Paulo Buss vai na mesma linha de raciocínio e defende a universalização da vacina. Ele lembra que os dez países mais ricos do mundo compraram 75% dos imunizantes disponíveis no mercado, mas que isso não é suficiente para proteger suas populações do Coronavírus. “O mundo deveria ser solidário e pensar que, se todos não estiverem vacinados com pelo menos uma dose, ninguém estará protegido e as variantes surgirão”, alerta. “Temos de espalhar a vacinação da forma mais equitativa possível.”

Em relação às novas cepas, a que mais preocupa no momento é a Delta, por ora dominante no mundo e responsável por 90% das infecções. No Brasil, a variante está presente em quase 200 cidades e provocou a morte de ao menos 80 pessoas. Esses números, no entanto, podem ser ainda maiores, uma vez que a falta de testagem leva à subnotificação dos casos. “O Brasil está muito mal no quesito testagem, o que coloca em dúvida os números. Eles não refletem a realidade. Por isso é preciso ter cautela ao falar em terceira onda ou na variante Delta”, afirma Anderson Brito, virologista e pesquisador em epidemiologia da Universidade Yale, nos EUA.

Para Rosana Richtmann, infectologista e diretora do Instituto Emílio Ribas, não dá para associar a variante Delta a uma terceira onda da pandemia no Brasil, uma vez que os índices de contágio por aqui sempre foram altos, num patamar que ela considera inaceitável. A pesquisadora lembra a importância de se manterem as medidas

não farmacológicas – distanciamento físico, uso de máscara e priorizar ambientes ao ar livre – mesmo após a vacinação, embora os imunizantes respondam positivamente à nova variante. “Existe um escape, uma perda de eficácia, mas a vacina continua protegendo. É um diferencial”, observa. A especialista cita os exemplos dos EUA e do Reino Unido. No primeiro caso, a vacinação completa gira em torno de 50% da população e, mesmo assim, o governo liberou o uso de máscara, resultando no aumento de contágio. Os britânicos foram mais cautelosos, mantiveram as medidas preventivas mesmo com a maioria da população imunizada. Resultado: o número de mortes e de casos graves provocado pela Delta é considerado pequeno, muito inferior ao visto nos EUA.

Sobre a terceira dose da vacina como estratégia para combater a nova cepa, a infectologista volta a bater na tecla de que a única forma de diminuir o contágio é a vacinação em massa em escala global. “Do ponto de vista individual, a terceira dose pode ser aplicada em pessoas do grupo de risco, mas é preciso uma ação coletiva. Enquanto não tiver vacinação global, não vai dar certo.” Os pesquisadores reforçaram ainda a necessidade de o governo assumir a liderança no combate à pandemia e fazem críticas a Bolsonaro, por adotar um comportamento que contribui decisivamente para disseminação do vírus. “Ele é o pior exemplo nas Américas e no mundo”, opina Buss. “Estamos órfãos de liderança e de informação”, acrescenta Anderson Brito, referindo-se à disseminação de *fake news* sobre a pandemia. •

CIÊNCIA VERSUS CHARLATANISMO

Bolsonaro atua a favor do vírus, lamentam especialistas

Não bastassem os danos causados e as vidas ceifadas pela Covid-19, o Brasil é também vítima de outra pandemia igualmente perigosa: a da desinformação. Dando vazão ao negacionismo palaciano, as milícias digitais bolsonaristas vêm reproduzindo de forma sistemática *fake news* sobre vacinação, uso de máscaras, distanciamento físico e medidas restritivas às atividades econômicas para conter o avanço do vírus, além de perseguir e ameaçar os cientistas, pesquisadores e profissionais da saúde.

Durante o evento promovido por *CartaCapital*, Natália Pasternak, pós-doutora em microbiologia pela USP, Gustavo Cabral, imunologista com pós-doutorado pela Universidade de Oxford, e Pedro Hallal, epidemiologista e professor da Universidade Federal de Pelotas, apontaram a disseminação de notícias falsas como obstáculo a ser vencido no controle do Coronavírus. Os especialistas foram unânimes em criticar a postura do governo brasileiro, que, em vez de assumir a liderança na orientação sobre a doença, estimula a desinformação. O próprio presidente adota uma postura que contribui para espalhar o vírus, aumentando o número de vítimas.

“Era preciso uma informação de forma uníssona, coordenada nacionalmente e com mensagem clara. O que vimos é Bolsonaro

usar o negacionismo para propagar mentiras”, lamenta Pasternak. A microbiologista elogiou a atuação da mídia e dos pesquisadores em orientar a sociedade sobre a Covid-19, mas ressaltou que o impacto é menor do que uma comunicação coordenada pelo Estado. “Estamos fazendo o trabalho que o governo não faz. Por mais importante que seja, dificilmente teremos a mesma eficiência de uma campanha que um governo decente faria.”

Cabral cobrou a implantação de um comitê de crise e acusou o presidente de desorientar a sociedade. “Bolsonaro estimula atos que favorecem a pandemia. Faz um trabalho muito benfeito de desorientar a sociedade. Em um dos piores momentos da história, temos como representante o que há de pior no ser humano”, diz o imunologista. “Enquanto Bolsonaro estiver se manifestando sobre a Covid-19 ou tendo poder de gerir a pandemia, não atingiremos nenhum benefício. Bolsonaro representa a polarização entre a ciência e o charlatanismo, entre a vida e a morte”, completou Hallal, cobrando da CPI no Senado uma ação que afaste o presidente do manejo da pandemia.

Em relação à CPI da Covid, que antecipou a intenção de indiciar Bolsonaro por charlatanismo, os pesquisadores consideram que a comissão tem elementos suficientes para pedir o afastamento do presidente do combate à pandemia. “A cada dia, milhares de pessoas perdem a vida e esse é um custo que a gente não precisava pagar”, destaca Hallal, acrescentando que 80% das mortes seriam evitadas se o governo tivesse agido corretamente.●

NOVO NORMAL OU VELHA CRISE?

FUTURO Devido às diferenças econômicas, não é possível prever o momento em que o mundo vai superar a pandemia

Considerada a maior tragédia sanitária dos últimos cem anos, a pandemia da Covid-19 tem origem no fim de 2019, quando a Organização Mundial da Saúde foi alertada sobre vários casos de pneumonia na cidade de Wuhan, província de Hubei, na China. Foi uma questão de dias para que o Coronavírus fosse classificado como surto e logo se espalhasse por vários países, o que obrigou a OMS a declarar o caráter pandêmico da doença em março de 2020. Passados quase dois anos desde a origem da Covid-19, é possível falar em fim da pandemia ou em um mundo pós-pandêmico? Qual o lugar do Brasil nesse contexto? O que esperar do chamado novo normal? Estas foram mais algumas perguntas levantadas no ciclo de debates “Diálogos Capitais: Webinar Saúde”, realizado por *CartaCapital* em parceria com a ACT Promoção da Saúde, a Associação Nacional de Pós-Graduação e o Conselho Federal de Enfermagem.

Segundo Isaac Schwartzhaupt, cientista de dados e coordenador na Rede Análise Covid-19, não é possível falar em fim da pandemia, até porque alguns países vão demorar mais do que outros para

superar a doença. O pesquisador ressaltou o baixo índice de imunização no Brasil, que tem, em média, 30% da população com o ciclo vacinal completo. “A pandemia é multifatorial, muda a todo momento, e o Brasil ainda está com a luz amarela acesa.” O deputado federal e ex-ministro da Saúde Alexandre Padilha disse que, para se chegar ao fim da pandemia, é preciso acelerar o ritmo de vacinação, fazer estudos para identificar o tempo de duração da imunização alcançado pelas vacinas e torcer para não surgir nova mutação do Coronavírus resistente, enquanto essas duas medidas estiverem em curso. Caso a vacinação não aconteça em escala global, acrescenta, a pandemia não terá fim. “Ou a gente transforma a vacina em um bem público ou o mundo não vai atingir patamares suficientes para controlar a Covid-19 e estancar a pandemia”, afirmou. Padilha defende ainda a suspensão temporária das patentes e a criação de estratégias para que as vacinas cheguem mais rápido às populações vulneráveis. “Ou o mundo enfrenta o problema ou o pós-pandemia será mais tardio e muito mais trágico, pelos impactos sanitários e econômicos gerados.”

Daniel Dourado, médico e advogado sanitaria, reforça a preocupação de Padilha e lembra que, embora 30% da população mundial esteja completamente imunizada, muitos países de baixa renda não alcançaram sequer 1% da vacinação. “A preocupação é surgir uma variante que escape à vacina. Se isso acontecer, vamos perder tudo o que foi feito.” Dourado também destacou o papel do Brasil no mundo pós-pandêmico. “O País é exemplo de saúde pública e se esperava que

déssemos respostas melhores à pandemia. Mas o que aconteceu foi o contrário, porque o governo Bolsonaro boicotou o SUS. Esperamos que a gente volte a ocupar o papel que tinha no cenário global na área de saúde.”

Na mesa sobre o novo normal, Margareth Dalcolmo, pneumologista e pesquisadora da Fiocruz, Esper Kallás, infectologista e professor da Faculdade de Medicina da USP, e Paula Johns, socióloga e diretora-geral da ACT Promoção da Saúde, defenderam a reestruturação do SUS

como estratégia para resolver os problemas causados pela Covid-19 e as sequelas deixadas pela doença. “Urge que o Sistema Único de Saúde seja reorganizado, para dar

O ritmo de vacinação abissalmente desigual no planeta desaconselha qualquer prognóstico

conta de todas as consequências das doenças crônicas que deixaram de ser atendidas de maneira adequada, do impacto nas doenças de grande complexidade, do tempo perdido no não diagnóstico e das sequelas da própria pandemia, a síndrome pós-Covid”, defendeu Dalcolmo. “O SUS poderia ter ajudado o Brasil a enfrentar melhor a pandemia, se não tivesse sido contaminado pela percepção de algumas pessoas que achavam que tudo ia passar rápido e pela instabilidade política. Pagamos um preço caro por isso, com muita gente morrendo da doença, algo que poderia ter sido evitado”, salientou Kallás. “A maior política pública do Brasil é o SUS”, complementou Johns, que

lembrou os reflexos do capitalismo na pandemia.

Os países ricos, destacou a pesquisadora, pagam pouco ou nenhum juro, enquanto os pobres são punidos por altas taxas, quando buscam financiamento para enfrentar a pandemia. “As regras do jogo global não resolvem o problema, só ampliam. Para onde estão indo os investimentos? Isso vai determinar que futuro a gente vai ter. Não é que faltem recursos, conhecimento, o que precisa é reorganizar o sistema.”

Sobre o chamado novo normal, Dalcolmo diz que há anos o Brasil não está dentro da normalidade e que a Covid-19 escancarou o que nunca deveria ser visto como normal, a desigualdade social. “O que a pandemia fez foi desnudar uma situação que na nossa sociedade desigual não tem nada de normal. Colocou a nu todos os contrastes e paradoxos da espécie humana num tempo recorde.” Para Kallás, o controle da pandemia passa pela opção política que cada um faz. Ele defendeu a democracia como instrumento para mudar o quadro atual e disse que os eleitores, ao escolherem seus representantes, precisam atentar para a forma como eles tratam a saúde, a pesquisa e a educação. “São os grandes pilares que norteiam o bem-estar da sociedade. Quando a gente escolher quem trata dessas áreas de forma digna e responsável, as chances de o Brasil melhorar como nação se fortalecem.” •

**Diálogos Capitais
Webinar**

**Mudanças
Climáticas**

Aquecimento global: o papel das instituições e do Brasil diante das mudanças climáticas

de 10 de novembro a 7 de dezembro

Dia 10/11

**A EMERGÊNCIA CLIMÁTICA
E AS PERSPECTIVAS PARA
OS PRÓXIMOS ANOS**

Dia 16/11

**QUAIS AS CONTRIBUIÇÕES
DA SOCIEDADE CIVIL
DIANTE DO DESAFIO DAS
MUDANÇAS CLIMÁTICAS?**

Dia 23/11

**O PODER PÚBLICO E O
MEIO AMBIENTE**

Dia 30/11

**AMAZÔNIA: ENTRE
A SOBERANIA, A
PRESERVAÇÃO E O
PATRIMÔNIO MUNDIAL**

Dia 7/12

**COP-26: A CIÊNCIA E O
CONHECIMENTO VÃO
SALVAR O PLANETA?**

Sempre às 18 horas

PALESTRANTES CONVIDADOS:

Alexandre Gaio, Carlos Bocuhy, Carlos Nobre, Guilherme Leal, Heiko Thoms, Herman Benjamin, Jaques Wagner, Luis Fux, Luis Marques, Marina Silva, Mauro O. de Almeida, Ricardo Galvão, Ritaumaria Pereira, Tadeu Babaró e Yara Schaeffer-Novelli.



Parceria:



**Online e Gratuito. Faça a sua inscrição no site:
dialogoscapitais.com.br**

Carta

